



EDITORIAL

1 Apresentação do dossiê No papel e na tela: os processos de leitura e escrita de e para pessoas com deficiência visual

Fabiana Alvarenga Rangel¹

A criação do Sistema Braille possibilitou condições para outra qualidade de participação da pessoa com deficiência visual no universo letrado, incidindo sobre as condições da prática da cidadania, dos direitos políticos e, conseqüentemente, sobre as relações sociais que estabelecem em seu cotidiano. Avançados dois séculos de sua criação, muitas outras tecnologias vêm se inserir no campo da ampliação das condições de acesso à leitura e à escrita, em especial as tecnologias digitais.

Nesse aspecto, cumpre-nos acompanhar esse movimento e discutir os *modus operandi* engendrados pelas diversas frentes políticas na promoção de uma sociedade inclusiva. À Educação cabe compreender suas nuances a partir da oferta da escolarização de pessoas com deficiência visual nos mais diferentes modelos em que ela se apresenta, ainda que não nos seja possível apreender seus movimentos em sua totalidade.

É, portanto, em direção à compreensão desse desenvolvimento dos processos de leitura e escrita na educação de pessoas com deficiência visual que esse dossiê se lança, congregando artigos que sinalizam por quais caminhos têm passado tais processos, de que modo vêm se concretizando no cotidiano da escola e como têm sido afetados por diferentes elementos — políticos, formativos, econômicos etc. — que atravessam a educação brasileira.

Nessa trilha, o dossiê conta com sete artigos que exploram a temática de forma inovadora, no que pudemos perceber três linhas diferenciadas obtidas nos processos de leitura e escrita: as tecnologias digitais com diferentes grupos e níveis de escolarização, assim como contextos e objetivos; a provocação sobre diferentes concepções de leitura e escrita, em que se apresenta a alfabetização estatística, por um lado, e a produção do texto que se imprime na brincadeira, na narrativa e no desenho, por outro lado; e a investigação sobre o uso de novos recursos não digitais, porém igualmente polêmicos.

¹ Instituto Benjamin Constant (IBC). Membro do Conselho Editorial e editora convidada da edição v. 28 n. 64 (2022) da BC e organizadora do referido dossiê.

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

E-mail: fabianarangel@ibc.gov.br



Abrimos, portanto, com uma discussão muito atual e polêmica: a leitura por meio das tecnologias digitais. A partir de uma pesquisa que busca analisar experiências entre estudantes cegos do Brasil e de Portugal, fundamentadas numa perspectiva interacionista e dialógica de linguagem bakhtiniana e na concepção dos letramentos sociais desenvolvida pelos Novos Estudos do Letramento (*New Literacy Studies*), as autoras nos apresentam diferentes experiências de leitura. Tais vivências levam à reflexão sobre como as práticas de leitura vêm acontecendo na vida dos estudantes cegos e sobre a necessidade de que estas sejam consideradas em seu processo de escolarização. Com isso, pode-se melhor avançar no debate sobre a desbrailização, pois se conjuga aos processos já incorporados na escola — com o uso do Sistema Braille como ponto-base da alfabetização — a dinâmica social que toca a toda a sociedade, vidente e não vidente.

Compartilhando a discussão sobre o uso das tecnologias digitais, contamos também com o artigo de Millene Sousa e Hylea Vale, que tomam o contexto pandêmico vivenciado no ano de 2021 e analisam as práticas realizadas junto a uma turma de alunos cegos e com baixa visão do 9º ano do Ensino Fundamental do Instituto Benjamin Constant. No centro da discussão, encontramos um trabalho de desenvolvimento de *podcasts* pelos próprios alunos. Fundamentadas numa perspectiva de letramento crítico e multiletramentos, as autoras observam que a criação e o desenvolvimento desses *podcasts* permitiram o protagonismo dos alunos sobre a própria atividade, deixando seu uso passivo para assumir um lugar de domínio das plataformas digitais.

Considerando crianças com baixa visão matriculadas em uma turma do ciclo de alfabetização do Instituto Benjamin Constant, Mariana Lopes e Marcia Gomes também analisam a temática do uso didático das tecnologias digitais no contexto pandêmico. O foco do trabalho associado às Tecnologias da Informação e Comunicação esteve na proposição de jogos e brincadeiras que favorecessem o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. As autoras nos apresentam as atividades realizadas e ponderam que, no que se refere ao processo de alfabetização, as aulas presenciais são fundamentais para o melhor desempenho da criança, sobretudo avaliando as possibilidades de interação social que se fazem diminutas no ensino remoto com o grupo trabalhado.

Ainda contribuindo para o debate sobre o uso das tecnologias digitais nos processos de leitura e escrita vivenciados por pessoas cegas, o artigo de Maria Eloisa Vieira vai explorar a questão propondo um diálogo com as discussões sobre a desbrailização e sua manifestação no Ensino Superior. A autora apoia suas análises em entrevistas realizadas com três estudantes cegas, nas quais observa que o leitor de tela configura o recurso mais utilizado entre elas e que,



mesmo havendo maior uso de leitores de tela, o Sistema Braille também se mostra elemento importante na formação acadêmica de pessoas cegas.

Em outra linha de discussão, encontramos os artigos de Marina Costa e Daniela Nunes e de Rodrigo Santos, Cláudia Vianna e Antônio Santos. Ambos provocam o tema do dossiê considerando os processos de leitura em sentidos mais amplos. Santos, Vianna e Santos abordam a leitura tátil de gráficos de barras por estudantes cegos congênitos trazendo a discussão de conceitos referentes à alfabetização estatística. Na pesquisa, participaram professores do Ensino Básico atuantes em escola especializada e um estudante cego matriculado no 5º ano do Ensino Fundamental, com o qual foram realizadas atividades de leitura e interpretação de um gráfico produzido de três formas distintas, artesanalmente, e a partir dos programas de computador Monet e Braille Fácil. Os autores observam que o aluno prefere a leitura a partir do gráfico artesanal e também concluem que o letramento estatístico é um elemento importante na formação de alunos cegos, favorecendo a construção do pensamento crítico.

Abordando uma face ainda pouco explorada no processo de alfabetização de crianças com deficiência visual, Marina Costa e Daniele Nunes vão discutir aspectos que caracterizam a imaginação e os processos criadores de crianças cegas e com baixa visão a partir da brincadeira, da narrativa e do desenho. A pesquisa foi realizada em uma escola pública especializada em deficiência visual, localizada na região centro-oeste do Brasil. Com base em uma análise histórico-cultural das atividades criadoras suscitadas pela brincadeira, pela narrativa e pelo desenho, as autoras vão deslindando episódios vivenciados junto às crianças e nos permitindo compreender que tais atividades vão constituir mutuamente a criação e o próprio psiquismo infantil, daí a importância de que a ação pedagógica estabeleça oportunidades que provoquem seu desenvolvimento.

Por fim, o artigo de Fabiana Rangel e Kátia Mara Oliveira traz a discussão sobre um recurso recentemente desenvolvido, a reglete positiva. As autoras buscam avaliar o recurso tomando por base aspectos materiais de composição própria e aspectos qualitativos, dados no uso do objeto. Para o estudo, Rangel e Oliveira trazem orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas e também estabelecem comparação com a reglete convencional nas atividades de leitura e escrita. A pesquisa, em fase inicial, contou com a experimentação das próprias autoras, as quais concluíram que o novo recurso requer readaptação de usuários que dominam a escrita braille na reglete convencional, por gerar uma escrita diferenciada desta. Observou-se também que, embora inicialmente não seja adequada para a escrita de longos textos, a reglete positiva



apresenta aspectos favorecedores ao processo de alfabetização de crianças com deficiência visual, representando um avanço para o aprendizado da escrita no Sistema Braille.

Espero que a leitura desses artigos seja tão aprazível quanto o foi para aqueles que atuaram na produção desse dossiê, e que as ideias aqui discutidas possam colaborar para a construção de novas pesquisas e, por certo, para a formação docente no país.

Por novas escritas, desejo a vocês uma boa leitura!

2 Palavras da Comissão Editorial

Luiz Paulo da Silva Braga²

Caros leitores,

É com satisfação que chegamos ao número 64 do ano 28 da *Benjamin Constant*, o primeiro editado no ano de 2022 e o terceiro sob a égide da atual Comissão Editorial do periódico. Nesta edição, com alegria, recebemos a professora Fabiana Alvarenga Rangel na equipe editorial, que, com destreza, comprometimento e originalidade ímpares, conduziu a organização do atual dossiê. Reunindo sete contribuições oriundas de todo o país — e uma delas com a colaboração de pesquisadoras portuguesas — o dossiê *No papel e na tela: os processos de leitura e escrita de e para pessoas com deficiência visual* apresenta, caracteriza e problematiza aspectos do desenvolvimento da leitura e da escrita na educação de pessoas com deficiência visual. Os artigos e os relatos de experiência dialogam, em diferentes níveis, com desafios do tempo presente inerentes a estes processos, enfrentando-os de maneira corajosa e contribuindo para a ampliação das discussões em que estão envolvidos.

Nesse sentido, as contribuições das seções livres da revista, recebidas para avaliação em fluxo contínuo, também estão alinhadas a problemáticas contemporâneas, em interface com diferentes áreas do conhecimento. Nos Artigos Livres, Ledo Vaccaro Machado reflete sobre a atuação de ledores e a adaptação de questões de Matemática no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem);

² Instituto Benjamin Constant (IBC). Membro da Comissão Editorial da revista Benjamin Constant (BC) e editor-chefe do periódico
Doutorando em História, Política e Bens Culturais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)
E-mail: luizpaulobraga@ibc.gov.br



Nágylla de Fatima da Silva Sena, junto a outros pesquisadores do Instituto Federal do Pará (IFPA), contribuem para as discussões sobre a importância do uso de ferramentas didáticas acessíveis, recorrendo, para tanto, à análise de uma proposta prática de produção e utilização de um calendário tátil para o ensino de Ciências em instituições de ensino da rede pública do município de Abaetetuba (PA); e Denise Aparecida Vechani Godoy, Ana Silva Paula e Olivier Allain investigam as condições para a inclusão de alunos com deficiência visual oferecidas pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).

Já nos Relatos de Experiências Livres, encontramos os originais de Ilana de Freitas Pinheiro, com coautoria de pesquisadores vinculados a instituições de ensino e pesquisa de São Paulo, que organizaram e avaliaram características estruturais de serviços de Estimulação Visual Precoce no Brasil. A pesquisa em questão foi elaborada a partir de um levantamento realizado em seis instituições especializadas neste tipo de atendimento — localizadas em São Paulo, Goiás e Minas Gerais; já Thaís Bigate investiga especificidades do ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua, para uma pessoa com surdocegueira adquirida, no programa de reabilitação do Instituto Benjamin Constant.

Fechando o número, uma resenha crítica assinada por Roberto Santoro Almeida, da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), que se debruçou sobre o livro *A construção da intersubjetividade no desenvolvimento da criança cega congênita*, de autoria de Andréa Mazzaro Almeida da Silva Santos. Na contribuição, Almeida destaca as potencialidades da obra de Santos, publicada em 2020, para os estudos sobre o desenvolvimento biopsicossocial de bebês e crianças cegas congênitas.

Por fim, lembramos a todos que os trabalhos editoriais para publicação do próximo dossiê da Benjamin Constant, *Educação de pessoas com deficiência visual em ciências da natureza na perspectiva inclusiva: possibilidades e desafios*, já começaram. A janela de submissão foi encerrada no fim de junho, e as contribuições recebidas encontram-se em fase de avaliação, com a participação dos editores convidados Michele Waltz Comarú (IFRJ), Douglas Christian Ferrari de Melo (UFES) e Décio Nascimento Guimarães (IFF). E os pesquisadores da área da matemática devem ficar atentos: o dossiê *Estudos Sobre Educação Matemática e Deficiência Visual*, organizado pelo professor Agnaldo da Conceição Esquinhalha (UFRJ), tem previsão de publicação para o primeiro semestre de 2023 e a janela de submissão abre no dia 1º de novembro de 2022.



Na expectativa de que os 13 trabalhos deste número contribuam para o avanço da produção de conhecimento nas temáticas da deficiência visual, da deficiência visual associada a outras deficiências e da surdocegueira, desejamos uma excelente leitura a todos.

Até o próximo número da Benjamin Constant!